

“Porque o mundo está quase se acabando”: reflexões de crianças camponesas sobre mudanças climáticas na Amazônia Paraense

"Because the world is almost ending": Reflections of peasant children on climate change in the Pará Amazon

Genisson Paes Chaves
Anael Souza Nascimento
Universidade Federal do Pará
Belém-Brasil

Resumo

Neste artigo identificamos e analisamos as reflexões de um grupo de crianças sobre as mudanças climáticas. O estudo foi realizado em uma escola do campo, localizada no assentamento Palmares II, no município de Parauapebas (PA), por um dos autores que trabalha como professor na referida unidade de ensino. O objetivo foi compreender as percepções das crianças sobre as mudanças climáticas, considerando suas reflexões e propostas de ações sustentáveis. A pesquisa seguiu os pressupostos da Antropologia. Nesse sentido, foi feita uma etnografia, levando em consideração as ponderações de Peirano (2014) e Oliveira (1998). Os resultados evidenciaram que as crianças compreendem que as ações humanas provocam alterações ao meio ambiente, o que pode afetar suas vidas e as de outros seres vivos. O caminho por elas indicado envolve a adoção de práticas sustentáveis, tais como não jogar lixo na natureza, acabar com as queimadas e proteger os animais e as árvores.

Palavras-chave: Mudanças climáticas; Escola do Campo; Antropologia ambiental.

Abstract

In this article, we identify and analyze the reflections of a group of children on climate change. The study was conducted in a rural school located in the Palmares II settlement, in the municipality of Parauapebas (PA), by one of the authors who works as a teacher at the institution. The objective was to understand the children's perceptions of climate change, considering their reflections and proposed sustainable actions. The research followed the principles of Anthropology. In this sense, an ethnography was conducted, taking into account the considerations of Peirano (2014) and Oliveira (1998). The results showed that children understand that human actions cause environmental changes, which can affect their lives and those of other living beings. The path they indicated involves adopting sustainable practices, such as not littering in nature, ending burnings, and protecting animals and trees.

Keywords: Climate change; Rural school; Environmental anthropology.

“Porque o mundo está quase se acabando”: reflexões de crianças camponesas sobre mudanças climáticas na Amazônia Paraense

Introdução

Figura 01: O mundo que temos



Fonte: Elaborado por Rebeca Alves de Sousa, 2024.

Este artigo se inicia com o desenho de Rebeca Alves de Sousa, 8 anos de idade, aluna do 2º ano, de uma escola camponesa localizada no município de Parauapebas, no Pará, um dos estados mais desmatados nos últimos anos. O desenho de Rebeca retrata o mundo em que vivemos. Esse mundo é marcado pelas queimadas que expulsam e matam os animais, ceifando a vida de diversas espécies vegetais. Observamos escassas nuvens tentando manter de pé as árvores já sem vida. Um furacão devasta esse ambiente hostil, e o sol, com lágrimas nos olhos, acompanha lá de cima, essa sinistra situação, sem poder fazer nada.

Os acontecimentos evidenciados no desenho dessa estudante camponesa são provocados pelas mudanças climáticas, que vem impactando diretamente a vida de milhares de pessoas em diferentes contextos. Atualmente, sentir o vento passar, ver a chuva cair, aliviando o calor e trazendo o cheiro de terra molhada, já não são dádivas da natureza que provocam boas sensações em quem gosta de se deliciar com esses momentos, mas indicativos de alagamentos, deslizamento etc.

O conceito de camponês permite o entendimento da complexidade do sujeito histórico se considerarmos o contraste com outros termos como pequena produção e agricultura familiar. Em contraponto, o termo camponês possui uma trajetória importante nas

ciências sociais, estando diretamente relacionado às disputas políticas e teóricas sobre a questão agrária brasileira e as direções do desenvolvimento capitalista no campo (Marques, 2012).

Nesse cenário, as crianças camponesas exercem um papel basilar na reprodução dos modos de vida no campo, tanto na recepção/transmissão de saberes tradicionais quanto na manutenção das práticas agrícolas familiares. De todo modo, as mudanças socioeconômicas e ambientais resultantes do avanço do agronegócio e das mudanças climáticas conferem desafios crescentes a essas populações camponesas. O aumento de eventos extremos, como secas prolongadas e enchentes, impacta diretamente a segurança alimentar, a permanência das famílias no campo e a vivência da infância camponesa.

De acordo com a Agência Brasil (2024, p. 1) “Mais de 95% da população diz ter consciência das mudanças climáticas”. Os dados foram divulgados pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), associação civil sem fins lucrativos, supervisionada pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Conforme dados da Agência Brasil (2023) 8 em cada 10 brasileiros se preocupam com as mudanças climáticas. Os impactos ambientais e as alterações climáticas por eles provocados, trazem consequências para todos, especialmente para as crianças. Conforme Paola Babos, representante interina do UNICEF no Brasil (2022, p. 5):

Por estarem em uma fase mais sensível de desenvolvimento, crianças e adolescentes são os que mais sofrem esses impactos. As mudanças climáticas e a degradação ambiental comprometem também serviços, políticas e instituições que atendem às necessidades de meninos e meninas e de suas famílias. E são elas e eles que vão conviver por mais tempo com as consequências da crise climática.

O relatório “Crianças, Adolescentes e Mudanças Climáticas no Brasil”, do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), “mostra que 40 milhões de meninas e meninos brasileiros já estão expostos a mais de um risco climático ou ambiental, e aponta os impactos da crise climática na garantia de direitos das futuras gerações” (Nações Unidas Brasil, 2022, p. 2). Outro ponto destacado nesse “relatório revela que mais de dois milhões de pessoas foram mortas, desapareceram, ficaram feridas, enfermas, desabrigadas ou desalojadas diretamente por desastres ambientais em 2021 no Brasil” (Nações Unidas Brasil, 2022, p. 2). “Embora crianças e adolescentes sejam, em grande parte, deixados de fora das discussões, são eles os herdeiros de todos os problemas sociais, econômicos e políticos, mesmo tendo pouca participação na criação e mitigação de tal cenário” (Fundação ABRINQ, 2024, p. 10).

“Porque o mundo está quase se acabando”: reflexões de crianças camponesas sobre mudanças climáticas na Amazônia Paraense

O objetivo deste artigo é identificar e analisar como as crianças, meninos e meninas, da Escola Oziel Alves Pereira, localizada no assentamento Palmares II, no município de Parauapebas (Pará), compreendem as mudanças climáticas e quais são suas sugestões para que essa realidade seja mudada e/ou minimizada.

O trabalho foi conduzido durante o segundo semestre de 2024, pelo primeiro autor que trabalha como professor na referida escola. A pesquisa seguiu os pressupostos da Antropologia. Nesse sentido, foi feita uma etnografia, levando em consideração especialmente as reflexões de Peirano (2014) e Oliveira (1998), no que diz respeito ao trabalho de campo, realizado por meio de observações e entrevistas, com crianças camponesas, sujeitos desta pesquisa.

Os resultados evidenciaram que as crianças compreendem que as ações humanas são responsáveis pelas alterações infringidas ao meio ambiente, o que afeta a vida de todos os seres humanos e dos demais seres vivos, já que o mundo não é habitado apenas por nós, mas pelas árvores, animais, montanhas. O caminho por elas sugerido envolve a adoção de práticas sustentáveis, tais como não jogar lixo na natureza, acabar com as queimadas e proteger os animais e as árvores de ações predatórias.

Uma escola do campo: A Escola Oziel Alves Pereira

A Escola Oziel Alves Pereira está localizada no assentamento Palmares II, na zona rural do município de Parauapebas, no estado do Pará¹. Seu nome é uma homenagem a Oziel Alves Pereira, jovem, filho de assentados e morador do assentamento. Oziel foi assassinado no dia 17 de abril de 1996, no que ficou conhecido como “O Massacre de Eldorado do Carajás”, onde a vida de 19 trabalhadores foi ceifada, na rodovia PA 150, próximo ao município de Eldorado do Carajás, no trecho conhecido como curva do S (Chaves; Nascimento, 2024).

A escola oferta do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. Seus alunos são filhos e filhas de pais que moram no centro do assentamento, localmente chamado de vila. Outros, vivem em locais mais afastados, nas chamadas vicinais. A maioria das crianças que frequenta no turno da manhã mora na vila e a quase totalidade do turno do intermediário, nas vicinais. “Muitos são oriundos do próprio município ou dos demais do estado do Pará. Outros vieram de diferentes estados brasileiros, especialmente do estado do Maranhão. Essa diversidade de origens propicia a existência de uma rica rede de visões de mundos, falas, experiências, dentre outros” (Chaves; Nascimento, 2024, p. 5-6).

Figura 02: A. Fachada da Escola Oziel Alves Pereira, (2024). B. Interior da Escola Oziel Alves Pereira, (2025).



Fonte: Genisson Chaves, 2024.

Fonte: Genisson Chaves, 2025.

No segundo semestre de 2024, um dos autores, trabalhando como professor, em duas turmas do 2º ano, resolveu investigar como seus alunos compreendiam as mudanças climáticas. A turma da manhã é composta por 15 alunos e a turma do intermediário, por 22 alunos. A maior parte desses alunos é de origem humilde. Seus pais trabalham nas roças, prestam serviços para a Vale ou nos estabelecimentos locais, como padarias, supermercados, farmácias, nas escolas etc. No entanto, participaram efetivamente das entrevistas 10 crianças, selecionadas por adesão espontânea, ou seja, aquelas que se dispuseram a compartilhar suas percepções durante as rodas de conversa e os momentos de registro. Essa escolha respeitou o interesse e a vontade de fala de cada sujeito, em consonância com os princípios éticos da pesquisa com crianças. As falas foram registradas e analisadas de forma a preservar a ética e valorizar as vozes infantis camponesas no contexto das mudanças climáticas.

Nesse sentido, os alunos assistiram ao episódio da Turma da Mônica chamado de “Um Plano Para Salvar o Planeta” (Figura 03). Após isso, foi feita uma roda de conversa em que cada um pôde discutir o que foi observado no vídeo. “Não tacar fogo no mato senão os animais morrem”; “não pode jogar lixo na rua”; “não pode jogar [lixo] no mar e na terra; tem que reciclar e deixar o mundo todo limpo”; “não pode fumar e jogar o cigarro. Isso pode queimar tudo e matar os animais”; [precisamos] “colocar o lixo das lixeiras coloridas”; [para onde ir] “levar sua própria sacola e não jogar o lixo no chão”. [A importância dos] “três erres para proteger a terra e não machucar os animais”, foram algumas das atitudes destacadas pelos alunos.

“Porque o mundo está quase se acabando”: reflexões de crianças camponesas sobre mudanças climáticas na Amazônia Paraense

Figura 03: A. Parte dos alunos assistindo ao desenho da Turma da Mônica, (2024). B. Alunos desenhando suas percepções sobre as mudanças climáticas, (2024).

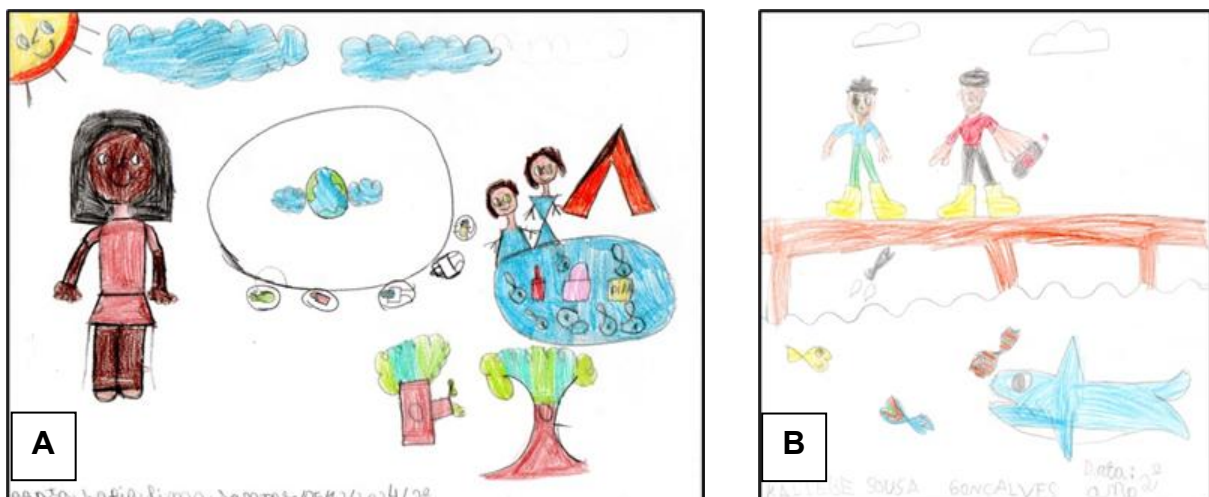


Fonte: Genisson Chaves, 2024.

Fonte: Genisson Chaves, 2024.

Nos demais momentos, os alunos foram incentivados a desenhar como eles compreendiam a relação entre seres humanos e natureza. Os desenhos (Figura 04), demonstram pessoas vivendo em um mundo que aos poucos vai se alterando devido a presença de lixo, descartado na natureza de maneira inadequada. Essas elaborações demonstram que as crianças compreendem que as ações humanas podem ser danosas e impactar diretamente a natureza e a qualidade de vida de todos.

Figura 04: A. Natureza em desequilíbrio. B. Poluição dos oceanos.



Fonte: Agata Sofia Lima Santos, 2024.

Fonte: Kallebe Gonçalves, 2024.

“Eu tava indo pro Peba e vi uma queimada de noite. [Vi] o monte pegando fogo”.

A frase acima é de José Soares, 8 anos, aluno do 2º ano. Ela se refere ao momento em que ele se deslocava da Palmares II até a cidade de Parauapebas, localmente chamada de Peba. Seu comentário chama atenção para um problema que é bastante corriqueiro no município: as queimadas.

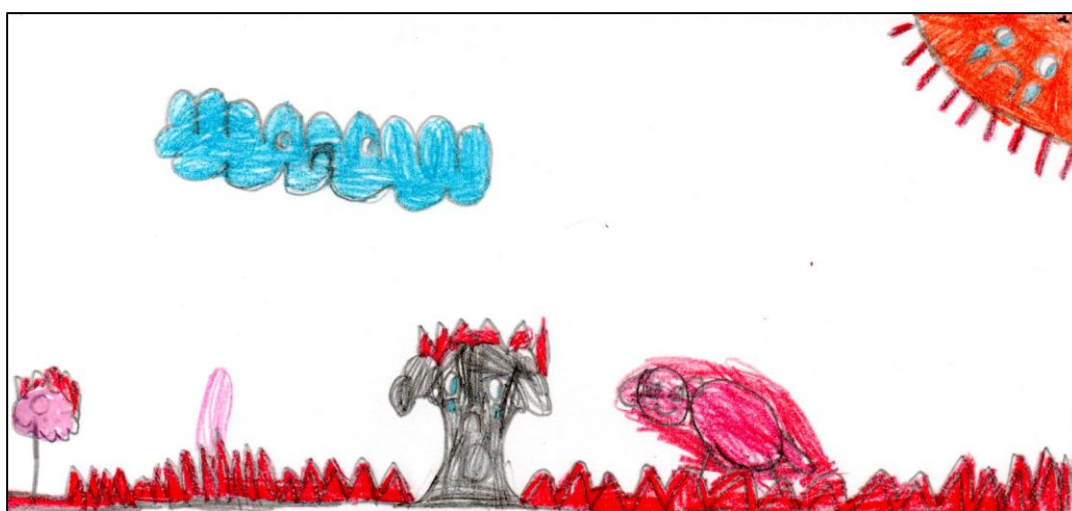
De acordo com a aluna Larissa Guimarães, 8 anos:

Teve um dia que minha casa quase pegou fogo porque um homem meteu fogo e minha mãe correu chorando lá na rua. E os cachorros estavam lá. O meu pai chegou bem na hora e ligou a bomba e tocou água no fogo. O homem foi preso. Era um amigo do meu pai. Minha mãe correu lá para casa da minha avó, ficou lá um monte de dia até a fumaça acabar e a gente voltou pra casa.

A aluna Kemilly Santos, 7 anos, também se refere a esse problema com o seguinte trecho: “Lá em casa tocaram fogo, no mato, perto de casa. O fogo parece que estava maior do que as casas”. Bryan Silva, 7 anos, por sua vez, também corrobora com o seu depoimento: “Um dia quase pegou fogo na telha de casa e o cavalo morreu. O meu irmão ficou com medo”.

Conforme dados do MapBiomas, em 2024, nosso país “registrou mais de 30,8 milhões de hectares devastados pelo fogo (...) [o que representa] um aumento de 79% em relação ao período anterior. [Os dados ainda] revelam que a floresta amazônica foi a mais afetada, concentrando mais da metade da área queimada no país” (CNN Brasil, 2025, p. 1).

Figura 05: Natureza em chamas



Fonte: Agata Sofia Lima Santos, 2024.

“Porque o mundo está quase se acabando”: reflexões de crianças camponesas sobre mudanças climáticas na Amazônia Paraense

Para Erick Lima, 7 anos: *“Tem muita pessoa tocando fogo na mata e está prejudicando as pessoas”*. De acordo com a aluna Lívia Fraga, 7 anos: *“Não pode tocar fogo no mato para proteger as plantas e as árvores para ter folhas e maçãs, peras e pêes de alface”*. A prática de atear fogo, muitas vezes criminosa, precisa ser evitada, pois, conforme Elisa dos Santos, 8 anos: *“A fumaça faz muitos animais adoecerem e queima a casa dos animais e o gelo do Polo Norte derrete e vira água e isso prejudica a nossa saúde e a terra”*.

Conforme Babos (2022, p. 5):

A influência humana na alteração do clima global é indiscutível. As mudanças climáticas têm impactado diversos aspectos do sistema climático global – da frequência de chuvas à amplitude térmica e às ondas de calor; da quantidade e da intensidade de eventos extremos, como ciclones e queimadas, até o prolongamento de secas extremas.

Apesar de termos a impressão de que as mudanças climáticas afetam a todos da mesma forma, isso não é verdade. “Embora todas as crianças e adolescentes estejam em risco, devemos ressaltar que o risco não é o mesmo para todos, trazendo uma das faces mais complexas desse cenário: a desigualdade” (Fundação ABRINQ, 2024, p. 10). Dessa forma:

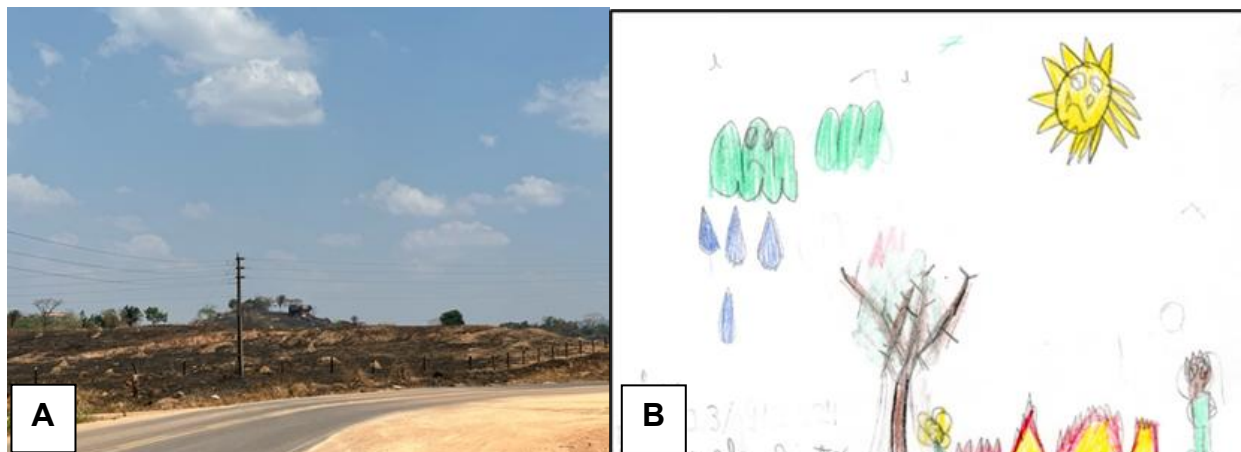
Os efeitos da crise climática já afetam desproporcionalmente crianças e adolescentes negros, indígenas, quilombolas, e pertencentes a outros povos e comunidades tradicionais; migrantes e/ou refugiados; crianças e adolescentes com deficiência; além de meninas (UNICEF, 2022, p. 8).

Além de afetar as pessoas de maneira desproporcionou, as mudanças climáticas aumentam o risco de grupos sociais mais marginalizados.

As mudanças climáticas podem ser vistas como potencializadoras de situações de risco, e muitas crianças vivem em regiões que sofrerão mudanças múltiplas e simultâneas nos próximos anos. De fato, elas já estão em regiões que experienciam muitos perigos ambientais e extremos climáticos, como chuvas em excesso, calor, secas e enchentes. Tais riscos se sobrepõem a outros sociais e econômicos, gerando efeitos cascata (Fundação ABRINQ, 2024, p. 9).

Os males que podem ser acarretados pelas mudanças climáticas são diversos. Conforme a Fundação ABRINQ (2024, p. 11): “Temperaturas extremas, escassez de água e secas, inundações pluviais e costeiras, ciclones de alta intensidade, doenças zoonóticas, poluição do ar, da água e do solo, insegurança alimentar, conflitos e migrações forçadas”.

Figura 06: A. Área queimada localizada perto da entrada da vila, assentamento Palmares II. B. Queimadas.



Fonte: Genisson Chaves, 2024.

Fonte: Kemily Silva Santos, 2024.

Entende-se que à nível global, as crianças suportem 88% das consequências de doenças devido às mudanças climáticas e desastres ocasionados pelo clima e alterados pelo homem sujeitam as crianças a riscos de danos físicos e mentais de longo prazo. A constante ameaças à saúde e segurança infantil decorrentes do deslocamento e da migração elucidam questões de injustiça social e intergeracional inerentes à crise climática (Uddin. *et al*, 2021).

No assentamento Palmares II, as mudanças climáticas são sentidas pela redução do regime de chuvas, especialmente durante o chamado inverno amazônico, época do ano que vai do final de dezembro até os primeiros meses do ano. No ano de 2020 houve uma chuva muito forte que fez o igarapé que corta parte da vila transbordar, o que fez com que a ponte que dá acesso ao assentamento caísse. O calor intenso, sentido durante boa parte do ano, é outro indicativo das alterações climáticas. É unanimidade dos moradores dizerem que no passado o clima de Parauapebas era mais fresco. Cada ano que passa fica cada vez mais quente e não há geladinho que alivie o calor.

Entre as crianças o fogo traz a fumaça que, segundo Marcos Riquelme, 7 anos, “pode entrar no nosso nariz e a gente pode ficar sem respirar. A gente pode morrer e comprar um caixão e enterrar a gente”. De acordo com Rebeca Alves de Sousa, 8 anos, com a fumaça “a pessoa fica sem respirar”. Para Carlos Daniel, 7 anos: “A fumaça é tóxica e nós podemos morrer ou ter que parar no hospital”. Conforme José Soares, 8 anos: “Tóxico é algo que não pode pegar e nem respirar”, pois “lá tem muita coisa que faz mal” (Rebeca Alves de Sousa, 8 anos).

Conforme a Fundação ABRINQ (2024, p. 18):

“Porque o mundo está quase se acabando”: reflexões de crianças camponesas sobre mudanças climáticas na Amazônia Paraense

Crianças e adolescentes são extremamente impactados pelo ambiente em que estão se desenvolvendo. Seus corpos, órgãos, sistemas imunológicos, cérebros, sistemas nervosos e emoções estão evoluindo e sendo afetados pelas condições do espaço ao seu redor. As alterações climáticas modificarão o ambiente no planeta de formas que o bem-estar físico e mental dos mais jovens estará ameaçado. Um exemplo é a contaminação do ar. Além de diminuir a expectativa de vida, a exposição a poluentes em altas concentrações e/ou por longos períodos pode afetar o cérebro das crianças, ocasionando danos ao desenvolvimento e problemas comportamentais. Ademais, em ambientes poluídos, os pulmões de crianças não se desenvolvem completamente e o sistema imunológico fica fragilizado.

Figura 07: A. Animais fugindo dos incêndios. B. A natureza chorando por causa dos incêndios.



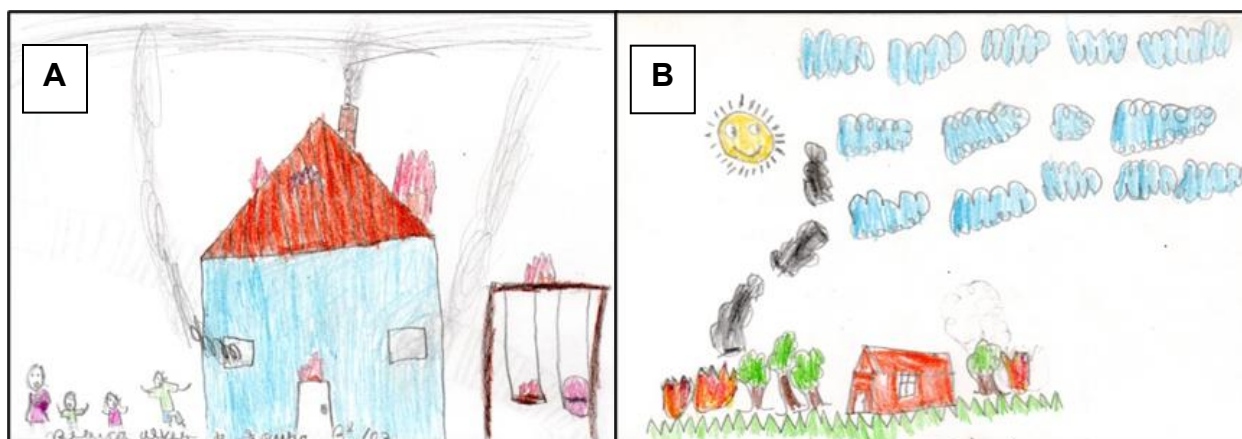
Fonte: Maria Vitória Pereira, 2024.



Fonte: Livia Lopes Fraga, 2024.

Ao questionar quem provoca os incêndios, as crianças não deixaram dúvidas: nós mesmos! Conforme José Soares, 8 anos: “As pessoas. Porque elas querem. Porque elas são más”. Rebeca Alves de Sousa, 8 anos, diz que “a pessoa quer fazer o mal pra pessoa que fez o mal pra ela”, o que sugere que o incêndio é, muitas vezes proposital, pois é feito por causa de alguma desavença. Para José Soares, 8 anos: As pessoas cortam as árvores “por maldade” e para acabar com o desmatamento elas devem “aprender a respeitar o mundo”.

Figura 08: A. Casa pegando fogo. B. Incêndio na mata.



Fonte: Rebeca Alves de Sousa, 2024.

Fonte: Marcos Vinícius Trindade, 2024.

Esses depoimentos demonstram que as crianças percebem as ações humanas e o quanto danosas elas podem ser. E quais são suas sugestões para acabar ou ao menos minimizar esses problemas?

Para a aluna Elisa dos Santos, 8 anos:

A gente tem que andar mais a pé porque a gente exercita mais as pernas e as fábricas fazem muita fumaça. Por isso devemos parar de jogar lixo no chão e no mato porque tem muitos animais que morrem por causa disso. Os animais engolem, ficam presos e morrem enforcados.

Para Rebeca de Sousa, 8 anos, temos que mudar nossas atividades “Porque o mundo está quase se acabando. [Essa destruição é provocada] pelos homens”. Lívia Fraga, 7 anos, diz que os problemas são provocados pela poluição liberada pelas fábricas: “Sem fábricas. Tem fábricas que fazem fumaça, [se] não tiver mais isqueiro porque quando as folhas das árvores caem eles podem tacar fogo e ir pra outros lugares sem incêndios e sem poluição no mundo”. Esses outros lugares podem ser onde nós vivemos. Nesse sentido, mudar nossos hábitos talvez seja suficiente para esse outro lugar existir.

De acordo com Kemilly Santos, 7 anos: “A gente precisa de um lugar calmo e que as pessoas não maltratam os animais e não jogue lixo no mar porque os bichos morrem”. Ana Lívia Sobral, 8 anos, diz que as pessoas “tem que apagar os fogos pra não queimar mais nada. Se queimar tudo, os animais morrem por causa do fogo”.

Erick Lima, 7 anos, diz que:

Tem que tirar esses povos que tão tocando fogo no mato e isso está prejudicando os peixes por causa da temperatura. [Isso afeta a respiração] por

“Porque o mundo está quase se acabando”: reflexões de crianças camponesas sobre mudanças climáticas na Amazônia Paraense

causa da fumaça e isso está prejudicando muito a floresta, a paisagem e a Amazônia é que faz frio, mas agora está calor e muitos animais estão perdendo a vida. Nós temos que tentar pegar esses povos que estão tacando fogo na mata. E muitos animais filhotes estão morrendo.

Erick Lima, dentre outros elementos, chama a atenção para a importância da Amazônia. Conforme o UNICEF (2022, p. 14):

A Amazônia, em particular, tem significado especial no debate ambiental global. A floresta amazônica é a maior floresta tropical do mundo: cobre mais de cinco milhões de quilômetros quadrados no Brasil e em países vizinhos, e tem um papel fundamental no clima. Quase todos os anos, absorve mais dióxido de carbono do que emite, e sua biodiversidade é tão ou mais rica que a de qualquer outra parte do planeta.

Se queremos um mundo, conforme as imagens abaixo, onde todos possam viver uma vida saudável, sem se preocupar com o aumento da temperatura, com o tempo se formando, com fome, injustiça, devemos ouvir nossas crianças.

Figura 09: O mundo que queremos.



Fonte: Rebeca Alves de Sousa, 2024.

Fonte: Maria Vitória Pereira, 2024.

O conceito de infância camponesa, frequentemente marginalizado nas discussões acadêmicas e políticas públicas, tem sido objeto de crescente atenção nas ciências sociais, especialmente na antropologia e na educação do campo. Pesquisas recentes, como a de Ana Clara da Silva Nascimento (2023), evidenciam que as crianças camponesas são sujeitos sociais ativos, cujas experiências cotidianas no campo são permeadas por práticas culturais, saberes tradicionais e relações com o meio em que vivem. Essas infâncias não se limitam a uma visão estereotipada de trabalho infantil, mas são entendidas como processos de aprendizagem que

envolvem o corpo, o afeto e a resistência cultural. Nascimento (2023) destaca que, ao contrário da perspectiva urbana que associa a infância à escolarização formal, as crianças camponesas constroem saberes por meio de práticas como brincadeiras, cuidados com animais e participação em atividades comunitárias, que são fundamentais para a manutenção da identidade camponesa e para a resistência frente às pressões de modernização e urbanização e mudanças climáticas.

Além disso, a ausência de uma perspectiva socioantropológica nas políticas públicas voltadas ao campo tem sido apontada como um fator que contribui para a invisibilidade e a deslegitimação das infâncias camponesas. Pesquisadores como Reis e Moraes (2016) enfatizam que é essencial que as políticas públicas dialoguem com as particularidades socioculturais do universo camponês para serem eficazes e legítimas. Portanto, é crucial que o conceito de infância camponesa seja compreendido em sua complexidade, reconhecendo as crianças como sujeitos plenos de direitos e protagonistas na construção de seus próprios saberes e trajetórias.

A infância camponesa, longe de ser um estágio universal e homogêneo, revela-se como uma construção sociocultural profundamente enraizada nas especificidades do meio rural. Pesquisas como a de Franco (2019) destacam que as crianças do campo não são meros receptores passivos de saberes, mas sujeitos ativos que constroem e ressignificam seus conhecimentos por meio da interação com o ambiente, a família e a comunidade. Nesse contexto, práticas como o brincar, o trabalho e a convivência com a natureza desempenham papéis centrais na formação de suas identidades e aprendizagens. A perspectiva socioantropológica, conforme enfatizado por Reis e Moraes (2016), alerta para o risco de invisibilizar as singularidades culturais e simbólicas das infâncias camponesas ao aplicar modelos urbanos de educação sem considerar suas especificidades. Além disso, estudos como o de Nascimento (2023) evidenciam que as crianças camponesas, por meio de suas narrativas e práticas cotidianas, expressam uma compreensão crítica e criativa de seu mundo, desafiando representações estereotipadas.

Conclusões

Se o mundo está se acabando, conforme o desabafo da pequena Rebeca de Sousa, 8 anos, temos que repensar em nossas atitudes, fazendo uso de suas próprias palavras que, apesar de anunciar algo trágico, isto é, o fim do mundo, mais uma vez, implora e indica o

“Porque o mundo está quase se acabando”: reflexões de crianças camponesas sobre mudanças climáticas na Amazônia Paraense

caminho: *“Por favor, não jogue lixo nas árvores e no rio, senão os peixes podem morrer e não jogue lixo em lugar nenhum. Isso pode causar muitos problemas no mundo. Então, não jogue lixo em lugar nenhum”*. Seu apelo é reiterado por sua amiga e colega de classe, Maria Vitória Alves Pereira, 8 anos: *“Não pode jogar lixo no mar que senão o peixe morre. Se você ver uma placa dizendo para não jogar lixo no mar, nem na floresta e nem matar os animais [, não jogue]. Vamos cuidar dos animais, amar eles”*.

Conforme a Fundação ABRINQ (2024, p. 10): “Desde 1989, praticamente todos os países do mundo concordam que crianças têm direito a um ambiente limpo, ar puro, água e alimentos seguros, a aprender, relaxar e brincar. A hesitação frente ao aquecimento global e às mudanças climáticas viola todos esses direitos.

Neste ano de 2025, Belém sediará a COP 30. Não sabemos se de fato este importante evento trará resultados concretos que podem frear o curso dos impactos das mudanças climáticas. Ficamos na torcida, pois acreditamos que serão as crianças e a própria natureza que nos dirão por onde seguir. Assim como o desenho abaixo, precisamos nos unir e pensar coletivamente em resolver os impactos que nós mesmos fabricamos.

Figura 10: Dando as mãos para a construção de um mundo melhor



Fonte: Rebeca de Sousa.

Referências

AGÊNCIA BRASIL. **Mais de 95% da população diz ter consciência das mudanças climáticas.** Por Gilberto Costa, repórter da Agência Brasil. Brasília, 15 maio 2024. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2024-05/mais-de-95-da-populacao-diz-ter-consciencia-das-mudancas-climaticas>>. Acesso em: 22 jan. 2025.

AGÊNCIA BRASIL. **Oito em cada 10 brasileiros se preocupam com mudanças climáticas.** Por Daniella Almeida, repórter da Agência Brasil. Brasília, 27 nov. 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-11/oito-em-cada-10-brasileiros-se-preocupam-com-mudancas-climaticas>>. Acesso em: 22 jan. 2025.

BABOS, Paola. Apresentação. In: FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Crianças, adolescentes e mudanças climáticas no Brasil.** Brasília: UNICEF, 2022. p. 4-5. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/media/21346/file/criancas-adolescentes-e-mudancas-climaticas-brasil-2022.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2025.

BRITO, Arthur Erik Monteiro Costa de. **Dialéticas campo-cidade em assentamentos de reforma agrária na Amazônia:** paisagem e campesinato no assentamento Palmares II - Parauapebas (PA). 2015. 65 f. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.

CHAVES, Genisson Paes; NASCIMENTO, Anael Souza. “Na poesia eu posso expressar o mundo”: uma análise sobre o Projeto Literatura na Escola, assentamento Palmares II, Parauapebas (PA). **Revista Cocar**, Belém, v. 20, n. 38, p. 1-14, 2024. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7861/3545>. Acesso em: 22 nov. 2025.

CHAVES, Genisson Paes; NASCIMENTO, Anael Souza. A antropologia na sala de aula: uma etnografia sobre o Projeto Literatura na Escola do Campo, assentamento Palmares II, Parauapebas (PA). In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA: TERRITÓRIOS VIVOS, CORPOS PLURAIS, ANTROPOLOGIA E SABERES CRÍTICOS, 34, 2024, Belo Horizonte. **Anais da 34ª Reunião Brasileira de Antropologia.** Belo Horizonte: ABA, 2024. p. 1-17.

CNN BRASIL. **Brasil registra crescimento de quase 80% nas áreas queimadas, diz estudo.** 2025. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/noticias/brasil-registra-crescimento-de-quase-80-nas-areas-queimadas-diz-estudo/>>. Acesso em: 24 jan. 2025.

FRANCO, Marina Domingues Vieira. **Infância camponesa:** olhares a partir das produções acadêmicas pela perspectiva da sociologia da infância. 2022. 33 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019. Disponível em: <<https://bdm.unb.br/handle/10483>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Mudanças climáticas e seus impactos na sobrevivência infantil.** São Paulo, nov. 2024. Disponível em: <<https://www.fadc.org.br/sites/default/files/2024-11/Mudancas-climaticas-e-seus-impactos-na-sobrevivencia-infantil.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2025.

“Porque o mundo está quase se acabando”: reflexões de crianças camponesas sobre mudanças climáticas na Amazônia Paraense

MARQUES, Marta Inês Medeiros. A atualidade do uso do conceito de camponês. **Revista NERA**, São Paulo, n. 12, p. 57-67, 2012. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/1399/1381>>. Acesso em: 22 nov. 2025.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **No Brasil, 40 milhões de crianças estão expostas a riscos climáticos**. Brasília, nov. 2022. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/206888-no-brasil-40-milhoes-de-criancas-estao-expostas-riscos-climaticos>>. Acesso em: 22 jan. 2025.

NASCIMENTO, Ana Clara da Silva. **Com a palavra, as crianças assentadas**: as infâncias camponesas a partir da percepção dos seus sujeitos. 2023. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, JP, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/29925>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. Brasília; São Paulo: Paralelo 15; UNESP, 1998.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

REIS, Thais Barbosa; MORAES, Maria Dione Carvalho de. Trabalho infantil e cultura camponesa: interpelações às políticas públicas. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, Vol. 52, N. 2, p. 244-252, mai/ago, 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/938/93846957012>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

UDDIN, Raisa et al. A global child health perspective on climate change, migration and human rights. **Current Problems in Pediatric and Adolescent Health Care**, v. 51, n. 6, p. 1-8, 2021. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1538544221000845?via%3Dihub>>. Acesso em: 25 jan. 2025.

UNICEF. **Crianças, adolescentes e mudanças climáticas no Brasil**. Brasília: Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2022. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/media/21346/file/criancas-adolescentes-e-mudancas-climaticas-brasil-2022.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2025.

Nota

ⁱ Para maiores informações sobre o assentamento, ver: Brito (2015).

Sobre os autores

Genisson Paes Chaves

Doutor e mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pelo Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Embrapa Amazônia Oriental. Possui graduação em Ciências Sociais (UFPA) e em Pedagogia (Uninter). Atua como professor da Secretaria de Educação do município de Parauapebas (PA).

E-mail: paes.paesg@gmail.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-5091-9523>.

Anael Souza Nascimento

Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA) no Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF/UFPA). Mestre em agriculturas familiares e desenvolvimento sustentável. Engenheira Ambiental pela Universidade do Estado do Pará (2017).

E-mail: eng.anael@gmail.com. **ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-7734-7665>.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito para publicação em: 30/09/2025